



Negociadores russos e ucranianos retomam negociação após civis serem impedidos de deixar cidade onde ataques foram intensificados. Morte de negociador eleva apreensão

Conversas em clima tenso com fracasso do cessar-fogo

Em meio à expectativa de retomada das conversas entre Rússia e Ucrânia, cujos negociadores voltam a se encontrar hoje sob os olhares de todo o mundo e após mais um dia de fracasso na operação de evacuação de civis e intensificação dos bombardeios de tropas russas às cidades ucranianas. As conversas vão ocorrer em clima tenso a morte de Denis Kireiev, um dos ucranianos da equipe de negociadores com os russos, no sábado. A população civil estava presa ontem na cidade costeira de Mariupol (sul da Ucrânia), após o segundo fracasso do cessar-fogo para saída de civis, no momento em que o cerco russo se intensifica na região de Kiev, forçando seus habitantes a fugir. Amorte de um dos negociadores em situação misteriosa marca a retomada das conversas hoje, segundo o Ministério

da Defesa da Ucrânia, Denis Kireiev e outros três membros do Serviço de Inteligência foram mortos enquanto executavam uma missão especial. Na contramão, setores da imprensa britânica relatam que Kireiev, banqueiro de profissão, era um espião a serviço do Kremlin. Ele teria sido descoberto e morto pelo Exército da Ucrânia. No 11º dia desde o início da invasão da Ucrânia pela Rússia, "a segunda tentativa de começar a evacuar cerca de 200.000 pessoas" do porto ucraniano de Mariupol "foi interrompida em meio a cenas devastadoras de sofrimento humano", anunciou a Cruz Vermelha ontem. "O corredor para evacuar a população civil não deixou Mariupol porque os russos reagruparam suas forças e começaram a bombardear a cidade", disse o governador da região, Pavlo Kirilenko, no Facebook.



Ataques com mísseis destruíram aeroporto no centro do país e mataram civis em Mariupol, onde pessoas foram impedidas de deixar a região

O presidente russo, Vladimir Putin, culpou "nacionalistas ucranianos" pelo fracasso da evacuação, que também teria impedido a anterior, no sábado, segundo o líder russo. Em uma conversa por telefone de uma hora e 45 minutos com o presidente francês, Emmanuel Macron, Putin negou que seu exército "tem como alvo civis". Putin disse que alcançará "seus objetivos" na Ucrânia "por negociação ou por guerra", afirmou Macron, que viu o líder russo como "muito determinado", informou a presidência francesa. Mariupol — um porto estratégico no Mar de Azov — está há vários dias sob intenso cerco russo, sem energia elétrica, água e alimentos. O prefeito da cidade, Vadim Bolchenko, indicou em entrevista publicada no YouTube que "Mariupol já não existe" e que há milhares de feridos. A queda deste porto representaria um ponto de virada na guerra porque permitiria à Rússia unir as tropas que avançam a partir da península da Crimeia — anexada por Moscou em 2014 — com as forças que entram no país a partir da região de Donbass, no leste.

ODESSA Enquanto isso, o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelensky, denunciou que as tropas russas estão se preparando para bombardear Odessa, o principal porto da Ucrânia, onde vivem cerca de um milhão de pessoas. Zelensky também informou que os russos destruíram o aeroporto de Vynnytsia, no centro do país. O Ministério da Defesa russo anunciou que havia destruído o aeródromo militar de Starokostiantyniv, 130 quilômetros a nordeste de Kiev. Mais ao norte, em Kiev, os militares operários nas proximidades da capital, como Bucha e Irpin, já

estão na linha de fogo e os últimos ataques aéreos convenceram muitos moradores de que chegou o momento de fugir. Eles estão bombardeando áreas residenciais, escolas, igrejas, prédios, tudo", lamentou a contadora Natalia Didenko. Em Bilhorodka, quase no limite da capital, as tropas ucranianas colocaram explosivos na última ponte que permanece de pé para tentar frear a ofensiva russa. "Esta é a última ponte, vamos nos defender, não vamos permitir que cheguem a Kiev", afirmou um combatente que se identificou apenas como "Casper".

Em Chernihiv, uma cidade próxima da fronteira com Belarus e Rússia, dezenas de civis morreram. "Havia corpos por todos os lados. As pessoas estavam esperando para entrar na farmácia aqui e estão todos mortos", disse à AFP um homem que pediu para ser identificado apenas pelo primeiro nome, Serguei, em meio ao barulho das sirenes de alerta. Correspondentes da AFP observaram cenas de destituição no local, apesar de Moscou insistir que não ataca áreas civis.

Moscou colocou suas perdas em 498 soldados russos na quarta-feira, em comparação com 2.870 no lado ucraniano. Kiev afirmou no domingo ter matado 11.000 soldados russos, sem divulgar suas perdas militares. Números impossíveis de verificar de forma independente à ONU, por sua vez, confirmou a morte de 351 civis e mais de 700 feridos. Para o alto-comissário das Nações Unidas para os Refugiados, Filippo Grandi, o exílio forçado de 1,5 milhão de pessoas do país representou "a crise de refugiados mais rápida na Europa desde a Segunda Guerra Mundial". Mas de um milhão de pessoas cruzaram a fronteira da Ucrânia para a Polônia desde o início da invasão.

CRIMES DE GUERRA O chefe da diplomacia norte-americana, Antony Blinken, considerou ontem como "muito credíveis" os relatórios que falam de "crimes de guerra" russos na Ucrânia. A Ucrânia insiste em pedir o aumento da ajuda militar por parte dos países ocidentais, incluindo a entrega de caças. Blinken afirmou que seu país está "trabalhando ativamente" em um acordo com a Polónia para o envio de caças à Ucrânia. Mas os aliados da Otan rejeitaram até o momento o pedido da Ucrânia para uma zona de exclusão aérea, para tentar evitar um agravamento imprevisível do conflito.

Putin advertiu que se uma zona de exclusão aérea for imposta, haverá "consequências colossais e catastróficas não apenas na Europa, mas em todo o mundo", pois qualquer movimento neste sentido será considerado pela Rússia como "participação no conflito armado". A Rússia advertiu ainda os países vizinhos da Ucrânia sobre o risco que representa receber aviões de combate ucranianos utilizados na guerra entre os dois Estados.

"Praticamente, toda a aviação do regime de Kiev apta para o combate foi destruída. Mas sabemos por uma fonte segura que algumas aeronaves ucranianas voaram para a Romênia e outros países vizinhos", disse o porta-voz do Ministério da Defesa da Rússia, Igor Konashenkov. "O uso da rede de aeródromos destes países como base para aviões militares ucranianos e seu uso posterior contra as Forças Armadas russas poderia ser considerado como um envolvimento destes países no conflito armado", acrescentou.



Prédio de universidade destruído por bombardeio das tropas de Moscou, que aumentaram ataques



Líder turco pede a Putin para interromper ataques e negociar. Papa Francisco lamenta o que chamou de "guerra" e não operação militar. Protestos ocorrem em toda a Europa

Apelos para o fim da invasão

Com os ataques à Ucrânia aumentando e as tropas russas de aproximando da capital Kiev, líderes russos continuam os esforços por um cessar-fogo. O presidente turco Recep Tayyip Erdoğan conversou ontem por telefone com o colega russo Vladimir Putin, ao qual pediu um "cessar-fogo geral urgente" na Ucrânia, afirmou um comunicado divulgado pelo governo da Turquia. Os dois chefes de Estado conversaram a poucos dias do fórum diplomático de Antalya, previsto para acontecer de 11 a 13 de março no Sul da Turquia, que deve ter a presença do ministro russo das Relações Exteriores, Serguei Lavrov.

"Um cessar-fogo urgente geral permitirá encontrar uma solução política e responder às inquietudes humanitárias", afirmou o chefe de Estado turco. Ele também exigiu a abertura "urgente de corredores humanitários" na Ucrânia. "Vamos abrir juntos o caminho para a paz", disse Erdoğan ao colega russo. A Turquia "está disposta a dar sua contribuição sob todas as formas para a resolução pacífica da crise", acrescentou.

O papa Francisco lamentou ontem os "rios de sangue e de lágrimas" que correm na Ucrânia e pediu a instauração de corredores humanitários para a população civil. "Na Ucrânia correm rios de sangue e lágrimas, não se trata apenas de uma operação militar, e sim de uma guerra que semelha morte, destruição e miséria", disse o papa depois da oração do Angelus. Francisco pediu a instauração de "verdadeiros corredores humanitários" para ajudar a população.

"As vítimas são cada vez mais numerosas, assim como as pessoas que em fuga, em particular mães com seus filhos. A necessidade de ajuda humanitária neste país martirizado aumenta a cada hora de uma forma dramática", afirmou o pontífice. Entre os fiéis presentes na praça de São Pedro para seguir a oração do Angelus, vários estavam com bandeiras da Ucrânia.

"Faço um apelo do fundo do coração para que sejam instaurados verdadeiros corredores humanitários, e que isto seja uma garantia e se facilite o acesso da ajuda às zonas cercadas para dar um alívio aos nossos irmãos e irmãs oprimidos pelas bombas e pelo medo", disse Francisco. O papa defendeu o fim dos ataques e a retomada das negociações, do senso comum e o respeito ao direito in-



KARIM SAHLIBP

“Um cessar-fogo urgente e geral permitirá encontrar uma solução política e responder às inquietudes humanitárias... Vamos abrir juntos o caminho para a paz”

Recep Tayyip Erdoğan, presidente da Turquia



NICOLAS MEYER/REUTERS

Em cidades da Europa, como Bruxelas, milhares de pessoas foram às ruas para protestar e pedir o fim da guerra na Ucrânia

ternacional. Também agradeceu aos jornalistas que "colocam suas vidas em perigo" para informar ao mundo sobre os acontecimentos na Ucrânia.

MANIFESTAÇÕES Milhares de pessoas se reuniram ontem em várias cidades europeias para se manifestar, pelo segundo dia consecutivo, contra a invasão russa da Ucrânia. Segundo a polícia da Bélgica, cerca de 5.000 pessoas marcharam em Bruxelas com bandeiras ucranianas. "Rusos, voltem para casa", gritavam os presentes. "Pare a guerra", "Europa, seja valente, é hora de agir", eram algumas das frases exibidas nos cartazes dos manifestantes. Em Toulouse, cidade-irmã de Kiev no Sudoeste da França, a multidão desfilou carregando

uma grande faixa amarela e azul, as cores da bandeira da Ucrânia, com retratos do presidente russo manchados de sangue e onde estava escrito: "Parem o assassinato de Putin".

Na Espanha, os manifestantes se concentraram na capital Madrid, em Barcelona e em outras cidades para exigir o fim da ofensiva russa. Numerosas bandeiras azuis e amarelas tremulavam na Praça Catalunha, no Centro de Barcelona, onde cerca de 800 pessoas, segundo as autoridades, se reuniram com cartazes que diziam: "Fechem os céus, não os olhos", "Otan, proteja o céu da Ucrânia" e "Stop Putin, stop War".

"Estão atacando, destruindo e matando a população civil sem nenhum motivo", lamentou à AFP Natalia Brodovska, uma ad-

vogada ucraniana de 45 anos que vive na Espanha há oito anos. "É horrível, não podemos dormir nem comer. Acredito que todos nós ucranianos nos sentimos assim. Mas os que estão na Ucrânia estão muito pior", acrescentou, ao falar sobre seus familiares em Kiev.

Em Belgrado, na Sérvia, centenas de pessoas se concentraram para expressar apoio à Ucrânia, dois dias depois de uma manifestação a favor do presidente russo Vladimir Putin e da invasão russa da Ucrânia. "Queremos dar outra imagem de Belgrado porque o que aconteceu na sexta-feira (a manifestação pró-Rússia) foi uma verdadeira vergonha", declarou Zdravko Jankovic, um matemático de 46 anos. No sábado, milhares de pessoas se manifestaram em Paris, Nova York, Roma e Zurique para pedir o fim da guerra e protestar contra a ofensiva russa, lançada em 24 de fevereiro.

PRISÕES E SANÇÕES Pelo menos 4.600 pessoas foram presas ontem por participarem de protestos em cinquenta cidades da Rússia contra a intervenção militar na Ucrânia, segundo a ONG OVD-Info, especializada em acompanhar manifestações. Em resposta à invasão, a lista de sanções impostas pelo Ocidente aumenta a cada dia e neste fim de semana foi adicionado o anúncio das gigantes dos cartões de crédito American Express, Visa e

Mastercard, bem como a plataforma de pagamento Paypal, que suspenderam suas operações na Rússia.

A BBC indicou que seu canal internacional de informação, BBC World News, parou de transmitir naquele país após a aprovação de uma lei que prevê penas de prisão severas para quem disseminar "informações falsas" sobre o exército russo; e a rede social TikTok anunciou que não será mais possível publicar novos vídeos em sua plataforma da Rússia.

"À luz da nova lei de 'notícias falsas' da Rússia, não temos es-

colha a não ser suspender a transmissão ao vivo e novos conteúdos de nosso serviço de vídeo enquanto analisamos as implicações de segurança desta lei", explicou a empresa em comunicado, esclarecendo, porém, que seu serviço de mensagens não será afetado. Em um sinal de que a estratégia começa a afetar a Rússia, o governo de Moscou anunciou um raciocínio diante da preocupação com o possível surgimento de um mercado clandestino diante das sanções. Putin criticou as sanções como "uma forma de guerra contra a Rússia".



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Internacional **Página:** 4,5 e 8